

PROGRAMA LUGARES DA MEMÓRIA

CONVENTO DE PERDIZES E LIVRARIA DUAS CIDADES

A ordem dos Dominicanos funda em 1938 o Convento Santo Alberto Magno, na Rua Caiubi no Bairro de Perdizes. Em 1968, alguns freis se aproximam da Ação Libertadora Nacional (ALN), organização que pregava a luta armada para derrubar o regime militar. A Livraria Duas Cidades e o convento tornaram-se base de apoio aos militantes da ALN. Religiosos que deram acolhimento a militantes e perseguidos, ajudando nas fugas do país, sofreram violenta repressão.

Diferentemente de outros lugares de memória de resistência e de repressão, nos quais as suas bases materiais e ideológicas forneceram subsídios para os campos de luta política, encontramos tanto no Convento dos Dominicanos quanto na Livraria Duas Cidades o resgate de uma memória que parte principalmente de um grupo de frades, cuja experiência da vida religiosa estava articulada aos objetivos da realidade histórica marcando, portanto sua ação em defesa do povo. Deste modo, *a memória do sujeito religioso fala do sentido da sua experiência, de sua apropriação e da fertilização dessa vivência no cotidiano da vida, captando o significado da religião na realidade objetiva*.

É a partir dessa memória, que os lugares de atuação desse grupo passam a ser significantes e significados, quanto ao resgate histórico dos processos de resistência a ditadura militar e de defesa da democracia. Sua atuação voltava-se para a construção de um entendimento religioso em que a política e a fé são indissociáveis, esta não se resumiria aos serviços religiosos, já que é, sobretudo a ação no mundo social. O projeto político-social instaurado pelo Regime Militar contemplava somente alguns setores da sociedade, em que o povo encontrava-se sob o julgo da opressão e da miséria, aprofundando ainda mais as diferenças sociais.



Convento de Perdizes. Acervo: Arquivo Provincial dos Dominicanos – Província Frei Bartolomeu de Las Casas.

Nesse sentido, a luta desses religiosos era pelo povo e com o povo, resgatando os ideais cristãos de luta contra os opressores, essa ala progressista da Igreja Católica tornou-se, então, o lugar dos excluídos – e Igreja dos Pobres. Encontramos, portanto os elementos motivadores da participação desse grupo de religiosos, sobretudo de alguns dominicanos que iluminados pelos ensinamentos filosóficos e teológicos de uma corrente iluminista francesa e pela

Encíclica do Concílio Vaticano II se colocam em ação no combate à ditadura. E para melhor compreendermos o envolvimento dos frades dominicanos nos movimentos de resistência retomamos a história da Ordem Dominicana, cujo nome oficial é Ordem dos Pregadores.

A Ordem surgiu na Europa, mas especificamente na Espanha em 1216, tendo como princípios: o voto de pobreza, a formação teológica de seus membros e a fundação de conventos que possuíam regras democráticas de funcionamento. Fé e razão, a prática do bem evitando o mal, e o dever do cristão de se colocar em defesa dos oprimidos, como expôs S. Tomás de Aquino, foram os princípios fundamentais da vida religiosa dessa Ordem.

Em finais do século XIX chegaram ao Brasil. Fundando o *Convento Santo Alberto Magno*, ou *Convento Dominicano de Perdizes*, em São Paulo somente no ano de 1938. Desde o início foi um importante espaço em que se aglutinavam estudantes e intelectuais paulistas interessados na ala progressista da Igreja Católica.

A Ordem dos Dominicanos possui uma tradição de militância política que vinha desde a Segunda Guerra Mundial, em que ajudavam refugiados a se esconderem dos nazistas. Esta orientação foi seguida no Brasil aliada, sobretudo quando do *Concílio Vaticano II*, em 1962 no qual a Igreja passou a se preocupar com os problemas do seu contexto histórico buscando, portanto a renovação da Instituição com vistas a uma unidade cristã.

A Encíclica lançada em 1962, pelo Papa João Paulo XXIII, trazia como exigências *a Verdade como fundamento, a Justiça como norma, o Amor como motor, a Liberdade como clima*ⁱⁱ. Deste modo, a Igreja buscava um retorno ao cristianismo primitivo, pois:

os cristãos dos primeiros tempos conheciam (con-sciência) o que era a injustiça, a discriminação, a pobreza e o martírio, desse

*princípio de con-sciência, lembra o autor, é que o cristianismo primitivo é dito revolucionário, pois é a própria expressão da consciência evangélica que está no ponto de origem. Mas tal consciência teria se perdido no tempo, com os privilégios que ganhou a igreja: a consciência teria se transformado em teorização*ⁱⁱⁱ.

As novas bases do catolicismo na América Latina.

O cenário político que se tecia na América Latina comportavam elementos transpostos do final da segunda guerra mundial, em que o mundo se bipolarizava entre os eixos capitalista e comunista. Movimentos revolucionários emergiam de alguns países, como no caso de Cuba, em que a revolução assumiu caráter popular, em que se buscou a independência econômica e política, do então sistema imposto aos países periféricos da América Latina. A Igreja Católica, com forte atuação nessa região do planeta acompanhavam de perto essas transformações, sobretudo o setor mais conservador da instituição que procurou se inteirar mais profundamente em relação aos problemas sociais do continente, empreendendo ações que minassem outras tentativas de revoluções.

No Brasil, a mobilização católica que já vinha ocorrendo anteriormente, em especial com o surgimento de grupos de leigos sob orientação cristã, permitiu uma maior compreensão por parte da Igreja quanto aos problemas sociais, enfrentados em decorrência do sistema capitalista, e suas possíveis soluções. Nesse sentido, como aponta Pablo Richard, *a conscientização e prática político-social católica decorridas desse momento devem ser compreendidas dentro de uma nova concepção de cristandade, que seria desenvolvimentista. Pois, na tentativa de minimizar as injustiças e evitar uma mudança brusca no sistema, a instituição passou a estimular reformas sociais junto ao*

RETORNO AO CRISTIANISMO PRIMITIVO

Servir à causa de libertação dos pobres é servir a Cristo. Uma parte da Igreja afastou-se historicamente da proposta evangélica. Trocou a aliança com o povo pela aliança com o poder. E o capital simbólico da nossa fé foi apropriado pelos opressores.

Frei Betto

Estado^{vi}.

Contudo, o estímulo dessas reformas sociais empreendidas pela Igreja, junto ao Estado não visavam o rompimento com o capitalismo, tornando-se, portanto um projeto limitado. Desse modo, na medida em que os debates se acirravam dentro da instituição religiosa, a base da Igreja se afastava da alta hierarquia eclesiástica conservadora, buscando novos caminhos para atuação do catolicismo nacional.

Com as proposições do *Concílio Vaticano II*, o processo de conscientização e mobilização social dessa base católica ganhou novas dimensões.

Alinhando os ideais de renovação e interação da Igreja com o mundo moderno, e subsequentemente a unidade cristã entre as religiões dialogando diretamente com a humanidade e seus problemas. Sendo assim, diversos grupos e movimentos católicos de base passaram a reivindicar melhores condições de vida para todos os homens, a libertação de toda forma de opressão e a salvaguarda dos valores e direitos humanos. A abertura promovida pelo *Concílio Vaticano II* possibilitou a contínua mudança no modo de pensar e agir de alguns setores religiosos.

No Convento de Perdizes o “Brasil Urgente”

Em 1961, as palestras do frade Carlos Josaphat, no Convento de Perdizes sobre os problemas sociais, são as bases iniciais para o surgimento de um importante veículo de construção para uma consciência cristã política, o jornal *Brasil Urgente*, em 1963, que consistia na luta por justiça social.

Para denunciar o pântano subjacente ao pretenso crescimento social e ideológico do Brasil, era preciso chegar aos meios de comunicação sem comprometimentos de qualquer ordem. Daí nasce à idéia de um jornal independente sem compromisso com os privilégios. Era a tentativa de fazer nascer uma práxis que contivesse em seu interior o saber real produzido pela crítica, diferenciando-o do pseudo-saber produzido pelas ideologias de cunho autocrático, dogmático ou conservador^{vii}.

O jornal *Brasil Urgente* assumiria um importante papel quanto à constituição de um projeto de mobilização social. Seus idealizadores buscavam meios de torná-

lo um jornal diário em que semanalmente se publicasse edições culturais e políticas mais densas, informando seus leitores, e com intuito de formar uma opinião pública que abarcasse os diversos setores da sociedade. No curto período de existência, suas publicações defendia as reformas de base e a revolução social, importantes elementos, que atraíram os setores operários e estudantis. Por outro lado, o Convento passou a ser alvo de pichações com os dizeres: “padres comunistas”. Sua duração se deu até abril de 1964, com cinquenta e cinco edições, no dia posterior ao golpe sua sede foi invadida e os documentos presentes confiscados.



Figura 1 - Convento dos Dominicanos. Acervo: Arquivo Provincial dos Dominicanos - Província Frei Bartolomeu de Las Casa.

Sob o olhar do DEOPS - SP

O Convento de Perdizes estava na mira do Departamento de Ordem Política e Social, anteriormente a publicação do jornal *Brasil Urgente*. Desde a década de 50^{vi} o Deops se ocupou de observar tanto os comportamentos individuais dos



São Paulo, 1967: passeata dos dominicanos pela liberdade de Frei Chico.

Fonte: Revista Veja – 12 de novembro de 1969

membros da Ordem, bem como da comunidade leiga que se reunia no convento. Isso se deve frente a atuações significativas quanto à inserção social e luta política dos dominicanos na comunidade católica; seriam, portanto propagadores da ideologia comunista.

Frei Francisco de Araújo, conhecido pela alcunha de Frei Chico esteve sob a mira policial. Em suas pregações distribuía aos fieis folhetos mimeografados contendo críticas ao regime militar. Para, além disso, promoveu mobilizações publicas pela paz. Participou da *Semana da Liberdade* em 1966, foi o idealizador do *Movimento pela Paz* em 1967, cuja proposta teve grande repercussão no país, tendo muitas adesões e críticas^{vii}; neste mesmo ano foi conferencista em *Justiça e Paz na Populorum Progressio*.

Em 1965, a *Campanha de Solidariedade ao Desempregado* realizada no Convento de Perdizes foi observada por agentes do Deops, tendo em vista que esta por estar articulado a questões que envolviam diretamente questões dos trabalhadores, que eram lidas pelo órgão de segurança como uma afronta ao regime instaurado no país.

Nesse sentido, ao contrário de uma parte considerável da Igreja Católica, que se posicionou a favor do golpe contra João Goulart e, além disso, saiu às ruas em defesa dos bons costumes, com a passeata em defesa da “Tradição, Família e Propriedade”, por conseguinte, a Ordem passou a ser acusada de estar traindo a pátria, pois não corroborava com os preceitos da denominada “Revolução”.

“Não esqueçamos que os padres têm muito mais contato com o povo, particularmente com o povo pobre [...] Eles podem nos fazer muito mal. Para mim, prezados camaradas, mesmo católicos, esses indivíduos traíram a Revolução, e estão traindo. Eles hoje estão trabalhando para oposição, não tanto para essa que fala no Congresso e na imprensa, mas para os que queriam em 64 comunizar o Brasil, para os cassados, os corruptos e os revanchistas [...] Os mandões comunistas, russos, chineses ou cubanos estão batendo palmas porque a Igreja, no Brasil, trabalhou para eles^{viii}.”

O Convento de Perdizes, em 1968, promoveu na *Semana Santa* a encenação da peça *A Paixão Segundo Cristino*, escrita por Geraldo Vandr  e com

assessoramento dos freis dominicanos, representa a persegui o, calúnia, exílio, agonia, paixão e morte de Cristo transpostos aos homens e mulheres, que a partir do golpe de 1964 viveram na própria carne essa realidade.

*É triste vim te contar
Que a morte de Jesus Cristo
Teve que continuar
Na morte de outros teus filhos
que Caim ainda vai matar.
Senhor dai-nos todo teu perdão
Senhor caminho da salva o
Ajuda a nos a ganhar uma vida garantida
para que não seja perdida.
A morte dos filhos teus
de Jesus de Josué de Ernesto de Nazaré*
Geraldo Vandr  – A Paixão Segundo
Cristino

Os dominicanos tiveram, portanto, uma posi o de vanguarda quanto a resistência ao regime. As missas dominicais em Perdizes eram frequentadas por cerca de 1.000 pessoas, os frades não se furtavam de fazer discursos contra o regime, o que atraiu diversos intelectuais e estudantes que se identificou com essa ala progressista da Igreja. Os  rg os repressores visaram o convento, principalmente, por sua prática ser uma denuncia da aliança, real, ou possível entre parte da Igreja hierárquica e o Estado recém-imposto.

Dominicanos: F  e Razão

As a o es de luta contra o regime militar ultrapassaram os muros do Convento, pois, havia elementos que faziam com que a Ordem participasse e se envolvesse organicamente com os problemas da sociedade. A partir de 1960, as regras de

funcionamento da Ordem, inspirada na abertura defendida pelo *Concílio Vaticano II*, visavam facilitar o convívio de seus membros com a comunidade, sendo assim, eles poderiam usar trajes civis, e as batinas obrigatórias somente dentro do convento; poderiam trabalhar fora e fazer seus estudos em instituições laicas fora do Convento, participando também do movimento estudantil. O que proporcionou a ação ativa na vida social e realidade política que o contexto histórico apresentava.

Um grupo de freis, estudantes do curso de filosofia da Universidade de São Paulo, se envolveu diretamente com o movimento estudantil, colaborando inclusive com a organização do *Congresso de Ibiúna*, sendo eles Luiz Felipe Ratton, Domingos Guimarães e Tito de Alencar Lima, que posteriormente foram presos no congresso referido. Nesse sentido, a reflexão proporcionada pela vida na Universidade aliada a leitura da *Encíclica* motivou o abandono do comportamento puramente contemplativo. A Igreja deixava ser o espaço de subserviência do homem, para ser o espaço em que se serve ao homem nas questões sociais.

Pio XI denunciara que os males, os crimes, e as injustiças do mundo não se originavam de forças demoníacas, mas sim da estrutura do capitalismo e que a "Populorum Progressio" não condena os "abusos do capitalismo", mas esse abuso que é o capitalismo.^{ix}

Sob esse prisma, podemos apreender que a participação dos frades dominicanos na luta contra a ditadura, colaborou com o processo de radicalização da esquerda cristã, quando alguns membros da Ordem passam a apoiar a resistência armada. Naquela conjuntura de repressão, os Conventos da

Ordem Dominicana serviram como abrigo aos perseguidos políticos, verdadeiros espaços em que a prática do cristianismo voltava-se a materialização da fé através da práxis política da libertação.

Essa prática consubstanciou a vigilância da Ordem, tanto por parte do aparato repressor, como de cidadão comuns que colaboravam com o trabalho da polícia enviando cartas de denúncias com as atividades ocorridas naquele espaço. Como é apresentado no texto ao lado:

Além disso, dado que sou morador relativamente próximo dos dominicanos nesta capital, pude constatar a presença contínua de reuniões, hospedagens, fornecimento de informações, etc. de elementos suspeitos, universitários, etc. no referido convento.

Uma vez que eles já contam com a possibilidade de o seu convento ser vigiado, atualmente eles compraram um apartamento na Rua Rego Freitas 530, apto E-19, onde residem uns cinco dominicanos, dentre eles o encarregado de subverter a imprensa, o jornalista da Folha da Tarde: Carlos Alberto Cristo. Lá são feitas as reuniões mais secretas deles. Além disso, os encarregados de estabelecer os contatos dos dominicanos com a A.P., o P.C. e outros organismos de subversão (geralmente em reuniões subversivas num apartamento da Av. Higienópolis), são os seguintes frades:

Fr. Chico (já bastante conhecido da polícia)

Fr. João Caldas Valença, que mora na Estrada do Vergueiro - não sei o nº, na saída de Santos, onde tem outro foco de subversão e onde atualmente reside o Frei Chico.

Fr. Osvaldo Resende Junior (estudante de filosofia)

Fr. Yves do Amaral Lesbaupin (estudante de filosofia)

Fr. Giorgio Callegari (este italiano, portanto sem direito algum de imiscuir-se em assuntos brasileiros, podendo inclusive ser repatriado).

Além disso, cumpre ressaltar que estes religiosos já por duas vezes, segundo pude saber, mas pode ser que já o tenha feito mais vezes, realizaram uma viagem a uma das reuniões de guerrilha do Brasil (no Pará, cidade de Conceição do Araguaia), para exercícios de subversão. Os dominicanos mantêm uma casa nesta cidade e a estão preparando para dar guarida aos futuros guerrilheiros.

Estas informações que julgo úteis ao seu trabalho de preservar a ordem política e social no Brasil, e espero que tome enérgicas providências para coibir tais investidas contra a democracia nesta terra. – Faltou mencionar ainda outro foco de subversão onde são feitas reuniões secretas: Livraria Duas Cidades, na Rua Bento Freitas, próxima à Praça da República, dirigida por frades especialmente treinados em técnicas de comunização, na França.

Ação Libertadora Nacional (ALN) e os Dominicanos

Com o Ato Institucional 5 os setores progressistas da Igreja Católica volta ainda mais suas atenções aos pobres, oprimidos e perseguidos políticos. A *Igreja do Povo de Deus* se colocaria em defesa daqueles que não possuíam voz, e daqueles que tiveram suas vozes silenciadas pela ditadura. A Ordem dos dominicanos foi uma das primeiras a se colocar em oposição ao governo, atuavam de modo a dar refúgio aos ex-companheiros da juventude católica, perseguidos pela polícia. Deste modo, uma rede interna de auxílio aos perseguidos foi sendo criada pela Ordem. A atuação dos dominicanos fortificasse em 1968, assumindo, assim, um importante papel de defesa pelo respeito dos direitos humanos e sociais, pois participavam de uma nova visão cristã de mundo em que,

Cristo é Deus encarnado na história e, portanto, os homens reconciliados com o tempo. Cada vida individual deve contribuir para o progresso coletivo da história, dando uma propensão ao engajamento. A atitude fundamental do divino não é marcada pela deferência, devoção, respeito, mas pelo entusiasmo, o fervor e a identificação que torna possível pela aparência humana da divindade (COUTROT, apud REMOND 1996: 339).

Nesse contexto histórico, os freis dominicanos vivenciaram através da prática política a experiência apostólica, sobretudo quando um grupo de frades se vincula aos grupos de esquerda, na medida em que compartilham com os movimentos revolucionários os ideais de transformação política e social, deste modo esse grupo de freis se articula politicamente com a *Ação Libertadora Nacional* – ALN de Carlos Marighella. O líder revolucionário acreditava que para derrubar o regime era preciso aliar-se a esquerda católica^{xi}, pois os religiosos estão muito mais próximos do povo o que facilitaria a articulação com a revolução.

Frei Osvaldo Resende, em 1967, organizou o primeiro encontro de Marighella, sob a alcunha de Professor Menezes, com o grupo de dominicanos no Convento de Perdizes em São Paulo. O assunto se deu em torno da questão referente à renovação do catolicismo, tendo em vista as diretrizes do *Concílio*

Vaticano II. Nesse sentido, a *Ação Libertadora Nacional*, visava derrubar o regime a partir da formação de um governo revolucionário do povo estruturado na luta armada, bem como expulsar o imperialismo norte-americano tirando a posição do Brasil como satélite da sua política externa, e expropriar os grandes latifúndios visando melhorar as condições do povo brasileiro. Os dominicanos seriam a base de apoio à revolução.

“Ao terrorismo que a ditadura emprega contra o povo, nós contrapomos o terrorismo revolucionário”.

Marighella

Para saber mais:

Documentário Ato de Fé, produzido por Eclipse Produções, no ano de 2004, com duração de 55 minutos, sob a direção de Tatiana Polastri e Alexandre Rampazzo, que retrata o engajamento político dos frades articulados a ALN.

<http://blip.tv/videotecabnm/ato-de-fe-4562514>].

Segundo o relato de Frei Fernando de Brito,

O trabalho dos frades junto a ALN consistia em fazer desabrochar a luta armada. Foram, portanto, uma base de apoio a militantes envolvidos em expropriação bancária, sequestros, bombas, etc. Acolhamos os feridos e perseguidos políticos, dando-lhes asilo e possibilitando a fuga do país; escondiam armas e material subversivos, além de levantamentos de áreas adequadas para o desenvolvimento da guerrilha rural^{xii}.

Frente ao engajamento dos religiosos em combate à ditadura militar, o Convento de Perdizes passou por um maior monitoramento, através de escutas telefônicas e de agentes infiltrados nas missas em que buscavam indícios de teor subversivo nas pregações, culminando na descoberta da ligação de Marighella com os dominicanos. O delegado Sérgio Paranhos Fleury armou uma emboscada, na qual foram presos

e torturados dois freis dominicanos envolvidos com a ALN. O plano de ação do delegado era o de prender o líder revolucionário, bem como o de desestruturar o auxílio prestado por membros da Igreja aos movimentos de esquerda no Brasil.

Do sequestro de freis a morte de Marighella

Castelo Branco, então presidente, cogitava a possibilidade de expulsão da Ordem Dominicana no Brasil, devido ao seu caráter progressista e de envolvimento com os setores de esquerda, corroborando uma perseguição mais efetiva. Deste modo, desencadeou-se a operação *Batina Branca* que buscava desmoralizar a Ordem perante a sociedade, bem como a de abalar as relações dos religiosos com as alas de esquerda, enfraquecendo o movimento revolucionário.

A operação *Batina Branca* consistia em uma força tarefa planejada ao longo de meses e executada no prazo de uma semana. Na primeira fase desta operação, a equipe de Sérgio Fleury Paranhos montou campanha em frente ao Convento de Perdizes e na Livraria Duas Cidades para investigar o envolvimento dos dominicanos com a organização de Carlos Marighella. A operação resultou no sequestro dos freis Fernando e Yvo colaboradores da ALN. Ambos os freis submetidos a intensas torturas acabaram por dar algumas pistas sobre Marighella.

A equipe do delegado Fleury se encarregou de levar Frei Fernando até a Livraria Duas Cidades onde trabalhava, pois este era o local onde eram feitos os contatos via telefone com Marighella. A Livraria e Editora Duas Cidades^{xiii}, foi criada em 1954 por iniciativa de José Petrolino de Santa Cruz, frei Benevuto, inicialmente funcionava em uma sala alugada na região central, mais especificamente na Praça das Bandeiras; em 1967 se instalou na Rua Bento Freitas, com a compra do imóvel por Frei Benevuto, saindo o registro em nome da Ordem Dominicana. Este espaço foi duplamente importante para a resistência, pois para além dos contatos com Marighella, a livraria era especializada na área de ciências humanas, em que se editavam obras de autores brasileiros, muitos de teor marxista

tornando-se um verdadeiro polo para a intelectualidade de esquerda.

Sob a mira do revolver, o frei esperava a ligação, na qual seria marcado o encontro com Marighella naquele dia. Com essas informações armou-se uma emboscada que deu fim a vida do líder da ALN. Amplamente divulgado na imprensa, deu-se início a segunda fase da operação *Batina Branca*, que era culpabilizar os dominicanos pela queda de Marighella gerando assim, certa hostilização por parte da esquerda em relação aos freis, bem como a de arranhar a imagem da Ordem perante a sociedade, invertendo a lógica da luta em defesa da justiça. Isola-los do conjunto da Igreja seria a fase final desta operação, pois o alinhamento dos militares com a Igreja era algo primordial, pois a religião exerce grande influência na sociedade, nesse sentido:

“os militares pretenderam integrar o conjunto da Igreja Católica no Estado de Segurança Nacional, buscaram, portanto evitar conflitos com a instituição e minar ou suprimir os setores engajados que lutavam contra o regime^{xiv}”.

O regime militar com os seus aliados usaram os desdobramentos dessa luta para desmoralizar a Ordem dos Dominicanos e os outros segmentos da ala progressista da Igreja brasileira. A polícia, a justiça militar e católicos conservadores atacaram os dominicanos, acusado os de traidores dos preceitos da religião católica e, portanto, deveriam ser expulsos da Igreja.

Nesse sentido, criou-se no imaginário coletivo a ideia de que a ordem dos dominicanos seria traidora da pátria alinhada a um projeto comunista de subversão do país, a partir desses lugares de memória pudemos resgatar a luta política e social travada entre os golpistas e aqueles que buscavam um país mais justo e igualitário para a maioria do povo brasileiro. Desconstruir a versão da história oficial nos possibilita uma reflexão quanto à criação do nosso passado, pois como afirma Walter Benjamin, na *Tese da Filosofia da História*, ao longo do processo histórico os oprimidos são derrotados duas vezes: no momento da luta e no ato do registro da história, quando prevalece a versão do vencedor. Cabe-nos agora olharmos para esses lugares com a finalidade de desvelarmos o passado para então,

reconstruirmos as lutas daqueles que não se calaram frente a opressão de um Estado sem direitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTO, Frei. Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighela. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed., 1982.

BEZERRA, Emanuela Antunes; DELGADO, Lucília de Almeida Neves; OLIVEIRA, Virgílio Coelho Jr. *Do Humanismo Cristão à Práxis Política de Oposição a Ditadura Militar: Memórias de uma experiência dominicana*. Comunicação apresentada no VII Encontro Regional Sudeste de História Oral.

DE SANCTIS, Frei Antônio. *Encíclicas e documentos sociais*. Da “Rerum Novarum” à Octogésima Advenies. São Paulo: Edições LTR, 1972.

FEIJÓ, Sara Carolina Duarte. Memória da resistência à ditadura: uma análise do filme Batismo de Sangue. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

FERNANDO, Frei. *Diário de Fernando – Nos cárceres da ditadura militar brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas – A Esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. 5ª ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1998.

JUNGES, Adriana. Batismo de Sangue: As representações do período ditatorial no Brasil na década de 60. Trabalho publicado no site: <http://lapecjor.files.wordpress.com/2011/08/adrian-a-junges.pdf>

SANTOS, Priscila Farias dos. A participação dos freis dominicanos no regime militar Brasileiro. Artigo publicado no site:

<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/doi/s/priscila.pdf>

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

SILVEIRA, Dalva. A imprensa brasileira e a representação de Geraldo Vandré como símbolo de protesto contra a ditadura militar. Artigo publicado no site: www.pucsp.br/ponto-e-avirgula/n9/artigos/.../pv9-08-dalvasilveira.pdf.

SILVA, Wellington Teodoro da. O Jornal Brasil, Urgente e a revolução brasileira. Artigo publicado no site: <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/teodoro-wellington.pdf>

SOUZA, Admar Mendes de. *Estado e Igreja católica. O movimento social do cristianismo de libertação sob a vigilância do Deops/SP (1954-1974)*. 2009. Dissertação (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

_____. *Frades Dominicanos de Perdições: movimento de prática política nos anos de 1960 no Brasil*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

_____. *O surgimento de uma nova prática política e religiosa*. Artigo publicado no site: <http://anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVII/S T%20XXVIII/Admar%20Mendes%20de%20Souza.pdf>

Acervos Digitais

Jornal Folha de São Paulo:

“Vandré e Dominicanos respondem a Cardeal” – 19/04/1968.

“Um caso Triste e Livraria Duas Cidades recorre a abaixo assinado” – 25/12/1987.

Revista Veja:

Edição 62, 12/11/1969. “O terror entrou no Convento”

Edição 66, 10/12/1969. “O terror. Marighella foi traído”

Internet

Site Repórter Brasil. História dos dominicanos contra a ditadura estreia nos cinemas.

<http://www.reporterbrasil.com.br/exibe.php?id=1006>.

Revista Isto é independente. Frei Betto conta em livro como banqueiro ajudou a guerrilha urbana e deu proteção a Carlos Marighella em sua mansão.

http://www.istoe.com.br/reportagens/37116_CAPITAL+VERMELHO

Site Ordem dos pregadores – Frades Dominicanos.

<http://www.dominicanos.org.br>

Site Manifesto Jeocaz Lee – Meddi. A Igreja Católica e a Ditadura Militar.

<http://jeocaz.wordpress.com/2009/02/19/a-igreja-catolica-e-a-ditadura-militar>

ⁱ BEZERRA, Emanuela Antunes; DELGADO, Lucília de Almeida Neves; OLIVEIRA, Virgílio Coelho Jr. *Do Humanismo Cristão à Práxis Política de Oposição a Ditadura Militar: Memórias de uma experiência dominicana*. Comunicação apresentada no VII Encontro Regional Sudeste de História Oral.

ⁱⁱ SOUZA, Admar Mendes de. *Estado e Igreja católica. O movimento social do cristianismo de libertação sob a vigilância do Deops/SP (1954-1974)*. p. 158.

ⁱⁱⁱ Ibidem

^{iv} Para Admar Mendes de Souza, na análise sobre a morte da cristandade e o nascimento de uma Igreja Popular na América Latina, Richard estabelece uma ligação entre o suceder de crises do sistema capitalista e suas repercussões no continente. A cada crise surgiria uma nova parceria entre Igreja e Estado, entre hierarquia eclesiástica e os setores dominantes da economia e da política latino-americana. Sobre o Brasil, percebe-se três grandes etapas da cristandade no momento anterior ao golpe militar de 1964: a primeira seria da cristandade Colonial, que viveu sua crise de 1808-1889; a segunda, uma etapa ligada ao modelo econômico de agroexportação; e, por fim, uma cristandade populista-nacionalista-desenvolvimentista; cf.: RICHARD, Pablo. Morte das cristandades e nascimento da Igreja. In: SOUZA, Admar Mendes de. *Estado e Igreja católica. O movimento social do cristianismo de libertação sob a vigilância do Deops/SP (1954-1974)*. p.155.

^v Entrevista com Maria Olympia a Admar Mendes de Souza em 05/03/2003 para artigo: *O Surgimento de uma Nova Prática Política e Religiosa*.

^{vi} Segundo Admar Mendes de Souza a observância do Convento de Perdizes se deve ao acompanhamento do processo de reflexão e radicalização, vivenciados por alguns frades dominicanos e de setores católicos associados a eles *Estado e Igreja católica. O movimento social do cristianismo de libertação sob a vigilância do Deops/SP (1954-1974)*. p. 226.

^{vii} Setores da Igreja Católica como a Sociedade de Defesa da Tradição Família e Propriedade criticaram o uso do termo greve pela paz, pois continham um sentido perturbador e agitador, que era entendido por esse setor como algo contra a paz. *Estado e Igreja católica. O movimento social do cristianismo de libertação sob a vigilância do Deops/SP (1954-1974)*. p. 227.

^{viii} SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. Documento da 1ª Região Militar, Boletim Reservado nº 6 – 2 de dezembro de 1967, FGV/CPDOC, ACM, rolo 1, doc. nº 783, p. 107

^{ix} DE SANCTIS, Frei Antônio. *Encíclicas e documentos sociais*. Da “Rerum Novarum” à Octogésima Advenies. São Paulo: Edições LTR, 1972. p. 391.

^x BEZERRA, Emanuela Antunes; DELGADO, Lucília de Almeida Neves; OLIVEIRA, Virgílio Coelho Jr. *Do Humanismo Cristão à Práxis Política de Oposição a Ditadura Militar: Memórias de uma experiência dominicana*. Comunicação apresentada no VII Encontro Regional Sudeste de História Oral

^{xi} BETTO, Frei. *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighela*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4ª ed., 1982, p. 23.

^{xii} FERNANDO, Frei. *Diário de Fernando – Nos cárceres da ditadura militar brasileira*. p.32

^{xiii} O Nome da livraria foi inspirado em um livro de Santo Agostinho, em que este estabelece as diferenças entre a “Cidade de Deus e a Cidade dos Homens”.

^{xiv} SOUZA, Admar Mendes de. *Frades Dominicanos de Perdizes: movimento de prática política nos anos de 1960 no Brasil*. p. 140.